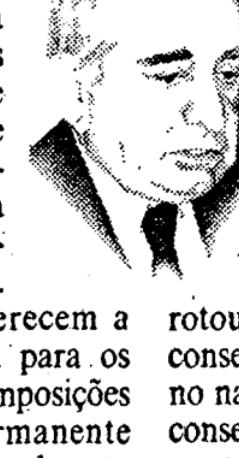


Coluna do Castello

Como estão esquerda e direita no Congresso



Aluta ideológica no Congresso continua por conta de dois partidos bem definidos. De um lado o PT, de outro o PDS. Os petistas comandam a esquerda e os pedessistas a direita.

PMDB e PFL oferecem a massa de manobra para os entendimentos e composições que definem a permanente oscilação de opiniões do centro, mas o sal dos debates é dado por aquelas seitas de pensamento e prática ortodoxos.

Não sendo o maior partido à esquerda, o PT é, porém, o mais coeso malgrado os atritos internos e o mais mobilizado para defender posições trabalhistas e nacionalistas. A ele associam-se frequentemente o PSB e o PC do B. O PCB está em época de muda. O PDT, como se sabe, pretende ser uma expressão do socialismo democrático, mas a presença de seus principais dirigentes nos governos do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul modela seu comportamento, tornando-o flexível.

Os esforços do deputado Vivaldo Barbosa, líder do PDT, para manter a bancada na linha estreita da fidelidade ideológica cria embarracos ao governador Leonel Brizola e perturba a retórica da conciliação para efeitos administrativos. O comando do partido preferiria sem dúvida o silêncio à agressividade pela qual o deputado-líder pauta sua ação parlamentar. Mas, como se sabe, o que vale no PDT é a palavra de Brizola. Essa é que define a postura partidária e a torna visível apesar dos discursos contráditórios produzidos pela bancada.

O PSDB, também anacrônico na Internacional Socialista, é um aglomerado de intelectuais que discutem mais do que agem e se deixam frequentemente paralisar pelas perplexidades inerentes a toda discussão, a todo exame de possibilidades. Entre mil, terminam ficando com nenhum. Hoje já se sabe que a debandada dos tucanos do PMDB foi um erro político. Eles teriam feito mais se permanecessem no partido-mãe e lá disputassem postos e in-

fluências. No fundo, eles temiam a eficiência dos métodos de quem tomou deles o governo do estado e o comando do partido. Eles na verdade apenas fugiram de Orestes Quérquia, que os derrotou em São Paulo e está conseguindo fazer-se no plano nacional a opção que não conseguiram tornar viável.

Com a saída deles e a evasão de Arraes e Waldir Pires, o PMDB desideologizou-se, tornando-se esse aglomerado de centro cujo ponto de fusão parece ser cada vez mais a perspectiva de poder que lhes abre a candidatura de Quérquia. Nisso iguala-se ao PFL e assume o discurso do centro-liberal, que quer modernizar a economia, associar-se ao mundo capitalista e propor um novo programa de metas, no estilo JK.

Quanto à direita, o PFL e suas sublegendas (PRN, PL, etc.) estão muito empenhados em participar já no governo, em beneficiar-se do poder que se torna apto a fazer os acordos adequados para que alcancem seus fins. O liberalismo ortodoxo ficou mesmo com o PDS, que se articula com o PDC e o PTB, cuja composição os torna um aliado normal do pedessismo arenista e pós-pessedista.

Dispondo no seu quadro de algumas personalidades importantes, tem sua conduta permanente vigiada por economistas competentes como Roberto Campos e Delfim Neto. Ao lado deles situam-se figuras com influência eleitoral como Paulo Maluf, o eterno candidato a postos majoritários no seu estado e na República. E o deputado Amaral Neto, um tanque de guerra em permanente evolução nos plenários políticos.

Como acontece com todos os grupos em que se articulam pessoas de prestígio há conflitos no PDS, mas no momento atenuados pela liderança suave do deputado Victor Faccioni.

Delfim Neto persiste na tentativa de armar uma frente capaz de multiplicar a força da direita, unindo PDS, PTB e PDC num bloco que passaria a ser a segunda bancada na Câmara dos Deputados.

Foi no Recife

Foi mesmo no Recife, e não no Amapá, que aportou o navio português *Santa Maria*, seqüestrado na Venezuela pelo capitão Henrique Galvão. Os rebeldes portugueses pensavam em levá-lo até Angola para iniciar a partir dali a luta contra Salazar, mas patrulhas aéreas e marítimas dos Estados Unidos o dissuadiram disso e induziram Galvão a dirigir-se a um porto brasileiro, na esperança de serem bem acolhidos por Jânio Quadros que acabara de empossar-se.

Quem relembra o fato com precisão é o comandante Thales Fleury de Godoy, que, como capitão-de-mar-e-guerra, recebeu no Recife a missão de sustar o seqüestro, retendo o navio no porto até a chegada de autoridades portuguesas, liberando os passageiros e internando a tripulação. O comandante Godoy, hoje na reserva, narrou sua ação ao JORNAL DO BRASIL, em 10/10/89. Pelo que fez mereceu "citação meritória" do comando da Marinha em Pernambuco.